

Anástrofe¹ e incerteza em Tony Carreira



Ricardo Araújo Pereira, *Boca do Inferno*, 15.ª ed, Tinta da China
(texto com supressões)

Quem é, hoje, o mais conhecido e apreciado poeta português?

A Academia² divide-se, o que demonstra, uma vez mais, que a Academia não percebe nada do assunto. Inúmeros portugueses sabem de cor os seus versos – e, no entanto, a universalidade despreza-o, a crítica ignora-o, as **seletas** barram-lhe a entrada. Valha--nos o povo, especialmente aquela parcela do povo que é constituída por senhoras maiores de 50 anos, que o venera. O mais famoso poeta português da **atualidade** é, sem dúvida nenhuma, Tony Carreira. Fazia falta um estudo sério sobre a sua obra. Um pouco vergado sob o peso de ser sempre pioneiro a fazer o que faz falta, aqui o apresento.

O primeiro **aspecto** que o leitor de Tony Carreira deverá ter em conta é o seu universo vocabular. Carreira definiu um vocabulário restrito, não porque queira, como **Eugénio** de Andrade, estabelecer um conjunto de vocábulos essenciais e, a partir desse núcleo, obter uma expressividade reforçada pelos contextos inesperados em que eles surgem, mas, ao que tudo indica, porque conhece poucas palavras. E a maior parte das que conhece não tem muitas sílabas. Tony Carreira não perde tempo a procurar o **adjetivo** certo. Na dúvida é tudo “lindo”. É o caso da vida, no poema “Não chores mais” (“Não chores mais/não nunca mais/que a vida é tão linda”), da mãe em “Mãe querida” (“Hoje velhinha estás, querida mãezinha/mas para mim serás tu a mais linda”), de uma casa em “Coração perdido” (“Hoje vives numa linda casa”), ou de várias coisas, no poema “Ai que saudades” (nele, o herói parte de “uma casinha branca tão linda”, recorda “esse cantinho doce e tão lindo” e anseia pelo regresso “à ilha linda (...) que o viu nascer” que é, evidentemente, a “linda Madeira”). (...)

Enquanto poeta, Tony Carreira está preocupado com dois problemas principais: a quantidade de frases que, não terminando numa palavra acabada em “ar”, não podem rimar com outras frases que terminem numa palavra acabada em “ar” (e por isso recorre com frequência a belas anástrofes, como em “Morena bonita”: “um dia destes eu vou com ela falar/Vou fazer tudo p’ra seu amor conquistar”); e as idiossincrasias³ e as perplexidades que elas causam. Neste capítulo, são exemplares os poemas “Qualquer dia posso-me cansar” (“E quando as coisas correm mal porque é que tu me ofendes/Se ao fim da noite queres fazer as pazes na cama?”) e “Cai nos meus braços Maria” (“Tu que estás aí dançando/ Faz aquilo que eu desejo/Vem para mim bamboleado/Escorrega nos meus lábios”), sendo que este último parece alertar para o **carácter** traiçoeiro dos beijos, que ora fazem tropeçar, ora saem de lábios escorregadios.

A registar por quem, desejando entregar-se aos prazeres do amor, não queira, ainda assim, partir uma perna.

Fica o incentivo para uma leitura atenta da poesia de Tony Carreira – que, por ser inclassificável, não me sinto capaz de **adjetivar**. A não ser, talvez, com a expressão “muito linda”

¹ Anástrofe: recurso estilístico que consiste na alteração da ordem direta das palavras dentro de um constituinte da frase (Ex.: Do rio poluíram as águas.); ²Academia: designação tradicionalmente dada à escola de filosofia em que Platão ensinava em Atenas. A palavra

Academia é também utilizada para designar sociedades de escritores, artistas ou cientistas que, por norma, se pronunciam sobre assuntos da sua especialidade; ³ idiossincrasias: temperamento peculiar/ característico de cada indivíduo.